

Onde está Santiago Maldonado?

1- Quem é Santiago Maldonado

Santiago Maldonado tem 28 anos e nasceu em 25 de Mayo, uma pequena cidade de 30.000 habitantes na província de Buenos Aires. Durante anos dedicou boa parte do seu tempo e recursos viajando como mochileiro. Ele faz artesanato e tatuagens para viver na rota. No início deste ano, viajou para a Patagônia, onde vive seu irmão Sérgio.

Em El Bolsón aprendeu sobre a luta de diferentes comunidades locais por territórios nas mãos de grandes propriedades que os mapuches reivindicam para si mesmos. Nos últimos meses, Santiago participou em várias manifestações convocadas por estes grupos. Várias testemunhas e registros telefônicos e audiovisuais concordam que no dia 1º de agosto ele estava em Pu Lof, perto do povoado de Chubut Cushamen, onde protestava pela liberdade de Facundo Jones Huala, referente daquela comunidade que está sendo presa. O bloqueio de estrada foi reprimido pela Gendarmerie, com uma ordem judicial. Depois de a estrada ter sido desobstruída, as forças de segurança invadiram, sem mandado, a terra da comunidade Mapuche.

Santiago está desaparecido desde essa madrugada.

2) O que é um desaparecimento forçado?

De acordo com o Código Penal, um desaparecimento forçado ocorre quando uma pessoa ou um grupo de pessoas, “agindo com a autorização, apoio ou aquiescência do Estado, por qualquer forma, priva uma ou mais pessoas da sua liberdade”, desde que “esta acção seja seguida de uma falta de informação ou de uma recusa em reconhecer tal privação de liberdade ou em comunicar o paradeiro” da vítima. Além disso, a Convenção Interamericana sobre Desaparecimento Forçado de Pessoas, que tem status constitucional para a lei argentina e na qual se baseia esse artigo do Código Penal, acrescenta que o desaparecimento

forçado é um crime “contínuo e permanente”, ou seja, que continua sendo cometido até que se conheça o paradeiro da pessoa desaparecida e deve continuar a ser investigado até esse momento. Da mesma forma, a jurisprudência da Corte Interamericana de Direitos Humanos indica que, por se tratar de um crime de Estado, o ônus da prova é revertido. Em outras palavras, o Estado deve demonstrar que essa hipótese é falsa antes de avançar para outras linhas de investigação.

Nos últimos dias, alguns comunicadores argumentaram que o crime de desaparecimento forçado pressupõe a existência de um plano sistemático, o que neste caso não é observado; mas esta advertência é incorreta, pois não decorre do direito nacional ou internacional.

3) Santiago Maldonado é vítima de um desaparecimento forçado?

É assim que a promotora Silvina Ávila o interpreta. No dia 24 de agosto decidiu recarregar o caso para a busca de Maldonado desta maneira. Anteriormente, em 7 de agosto, o Comitê contra o Desaparecimento Forçado de Pessoas exigiu do Estado Argentino uma “ação urgente” para “procurá-lo e localizá-lo” e identificar os responsáveis por seu desaparecimento. Além disso, diz que devem ser levados em conta os dados fornecidos pelos “membros da comunidade mapuche de Pu Lof presentes durante a ação repressiva” e que a Gendarmaria Nacional Argentina deve abster-se “de participar na busca e investigação do desaparecimento”.

O último relatório apresentado pelo procurador indica que os testemunhos que ligam o desaparecimento de Maldonado com as ações desta força de segurança, até agora, são “fracos”. Mas ainda há vários relatórios de peritos a serem realizados e a cobertura de “desaparecimento forçado” permanece no caso como hipótese de investigação. Em 22 de agosto, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos emitiu uma medida cautelar ordenando que o governo argentino “adote as medidas necessárias para determinar a situação e o paradeiro do Sr.

Santiago Maldonado” e “informe sobre as medidas tomadas para investigar os supostos fatos”. Organizações de direitos humanos no país e no exterior, representantes de vários partidos de todo o espectro político e da família de Santiago Maldonado também afirmam que este é um desaparecimento forçado.

Por outro lado, a ministra da Segurança, Patricia Bullrich, disse em várias ocasiões que a Gendarmerie não prendeu Maldonado e, na semana passada, em audiência com deputados do Comitê de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, assegurou que o desaparecimento forçado não é uma hipótese em que o governo nacional esteja trabalhando. Na terça-feira, o Ministério Nacional de Justiça e Direitos Humanos anunciou que solicitará à ONU o controle da investigação e que, por sua vez, se apresentará como “colaborador” perante os tribunais. Mas não como querelante.

4) E as outras hipóteses?

Desde que começou a busca por Santiago Maldonado, outras possibilidades foram consideradas. Em Entre Ríos, um caminhoneiro disse que o tinha visto; a mídia transmitiu supostas imagens dele em uma câmera de segurança. No dia seguinte, um jovem de aparência parecida chamado Francisco Mestre saiu para negar: “Eu sou aquele que está no vídeo”. Outro jovem barbudo foi confundido com Maldonado em um convento de Mendoza, mas o religioso negou que fosse ele. Um terceiro hippie foi fotografado no terminal de autocarros em Tartagal, Salta. Também não era ele. Algumas versões o colocaram no Chile, mas não há registro nos postos fronteiriços, e nesta época do ano, com mais de um metro de neve nas montanhas, os postos ilegais são intransitáveis. Também não parece que o seu celular tenha sido ativado nesse país, tal como foi publicado.

A última alternativa, até hoje, foi ele ter sido ferido em 21 de julho durante um ataque a um sereno guardião de terras de

Benetton, que foi atacado pela RAM, um grupo de resistência mapuche que usa métodos violentos em sua reivindicação territorial. Nesse episódio, o estalajadeiro, ao defender-se, feriu um dos atacantes com uma faca e a hipótese era de que Maldonado poderia ter sido fatalmente ferido. No entanto, não há provas de que estivesse presente nessa altura ou que tivesse participado anteriormente em actividades de RAM. No dia 25 de julho, seu aniversário, ele enviou uma mensagem à sua família em Buenos Aires, de acordo com o arquivo. Há testemunhas que o colocam entre 27 e 29 de julho em El Bolsón, e fotos e vídeos que o mostram em 31 de julho no tribunal da Ruta 40, que estão sendo investigados pelo Departamento de Justiça. Nas últimas horas, soube-se que uma apresentação do promotor Ávila aponta para 1º de agosto como a data em que o jovem foi visto vivo pela última vez.

5) O que aconteceu no dia 1º de agosto em Pu Lof?

No dia anterior, a Gendarmeria Nacional, com uma ordem judicial, dispersou o piquete. Na madrugada do dia 1, um número indeterminado de tropas quebrou o portão e entrou no Pu Lof sem um mandado. De acordo com as testemunhas e os peritos que serão conhecidos quando o segredo sumário for levantado, dispararam postes de borracha e balas de 9 mm. Eles incendiaram casas e propriedades.

Os habitantes, com crianças entre eles, fugiram da repressão atravessando o rio Chubut. Daqui tudo se torna incerto. Presume-se que Santiago Maldonado não pôde ou não se atreveu a atravessar e, segundo várias testemunhas que puderam escapar, escondeu-se atrás de um arbusto. Minutos mais tarde, outra testemunha afirma ter ouvido um grito de gendarme: "Aqui temos um". Outro diz que viu um grupo de agentes carregando um pacote em um caminhão e passando-o para um caminhão na Route 40. Este é o último testemunho que temos de Santiago Maldonado.

6) Qual é a responsabilidade do Estado no desaparecimento de

Santiago Maldonado?

A Gendarmeria é responsável por entrar no Pu Lof sem um mandado, e também por usar balas borracha e armas de chumbo durante a repressão. Ele também deve explicar o que aconteceu com Santiago Maldonado desde que foi encontrado às margens do rio Chubut. Também, por que ele se recusou a apresentar um relatório sobre a operação de 1º de agosto, quando solicitado pelo juiz federal Esquel Guido Otranto.

O magistrado, por sua vez, é responsável por levar mais de uma semana para atacar os esquadrões da Gendarmeria em Esquel e El Bolsón. Quando as buscas foram finalmente realizadas, os veículos foram lavados e os selos de segurança violados, de acordo com o defensor público oficial. Além disso, Otranto aceitou a Gendarmeria como parte do processo, o que dá aos advogados da Gendarmeria acesso ao processo.

Finalmente, a Ministra Patricia Bullrich é politicamente responsável por tudo o que foi feito pela força que lhe foi confiada. Isto inclui tudo, desde o despejo da rota até a eventual ocultação do crime por agentes que não foram removidos em tempo hábil.

Ao se recusar a considerar o desaparecimento forçado como a principal hipótese, ela viola os tratados internacionais que têm status constitucional na Argentina. E ela ainda não percebeu o que seu chefe de gabinete, Pablo Nocetti, estava fazendo na cena do crime. “Nocetti passou pelo local, saiu do carro porque ia para Esquel, cumprimentou a Gendarmerie e continuou”, explicou o oficial perante o Senado.

7) Onde está Santiago Maldonado?

Original: [Noticias Urbanas](#)